



Dêixis, espaços mentais e categorização: o caso dos pronomes *we* e *you* em inglês

*Deixis, mental spaces and categorization:
the pronouns *we* and *you* in english*

Helen de ANDRADE (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ)

Lilian FERRARI (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ)

RESUMO

*Este trabalho baseia-se no referencial teórico da Linguística Cognitiva, adotando a Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier 1994, 1997, Fauconnier e Turner 2002), assim como as propostas cognitivistas de análise da dêixis de Rubba (1996) e Marmaridou (2000). O objetivo do trabalho é investigar os diferentes usos dos pronomes pessoais *we* (1ª pessoa do plural) e *you* (2ª pessoa do singular/plural) em inglês, em termos de graus de prototipicidade. Demonstra-se que os usos prototípicos desses pronomes, ancorados no Modelo Cognitivo Idealizado da dêixis, permitem a construção de usos não prototípicos, a partir de processos de mesclagem conceptual.*

Palavras-chave: *Dêixis; Espaços Mentais; Modelo Cognitivo Idealizado; Mesclagem Conceptual.*

ABSTRACT

This article uses a Cognitive Linguistics approach to meaning construction, based on Mental Spaces Theory (Fauconnier 1994, 1997, Fauconnier and Turner 2002). Drawing on cognitive proposals to the analysis of deixis by Rubba (1996) and Marmaridou (2000), our objective is to investigate the diverse uses of the personal pronouns “we” and “you” in English. We demonstrate that the prototypical uses of these pronouns, based on the Idealized Cognitive Model of deixis, permit the construction of non-prototypical uses through processes of blending.

Key-words: *Deixis; Mental Spaces; Idealized Cognitive Model; Blending.*

1. Introdução

Este trabalho tem como objeto de estudo os dêiticos *we* e *you* da língua inglesa, classificando os seus diferentes usos por grau de prototipicidade. Mais especificamente, busca-se relacionar usos prototípicos desses pronomes a usos não-prototípicos, em termos do processo cognitivo de mesclagem conceptual (*blending*).

Em linhas gerais, a análise adota a perspectiva da Linguística Cognitiva, partindo da noção de categorização de Rosch (1978), e seus desdobramentos na análise linguística em termos do conceito de categorial radial, em conexão com a ideia de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), conforme proposta de Lakoff (1987). Para o tratamento mais detalhado dos dados, a análise, baseia-se, principalmente, na Teoria dos Espaços Mentais, desenvolvida por Fauconnier (1994, 1997) e Fauconnier e Turner (2002). Dentro dessa perspectiva, retoma as propostas de Rubba (1996) e Marmaridou (2000), que propõem uma abordagem cognitivista para o estudo da dêixis.

O trabalho está subdividido em três seções principais. Na seção a seguir, apresenta-se a Teoria dos Espaços Mentais, destacando-se constructos básicos que fundamentaram a análise, bem como a aplicação desses constructos em estudos cognitivistas sobre a dêixis. A seção 3 enfoca a metodologia, delimitando o objeto de estudo e os objetivos

da pesquisa, além de detalhar o corpus utilizado para a análise. Por fim, a seção 4 apresenta a análise propriamente dita, descrevendo a polissemia dos dêiticos *we* e *you*, bem como os processos de mesclagem conceptual envolvidos na organização radial de cada um deles. A principal contribuição analítica está na busca de refinamento de propostas anteriores para a análise dos dêiticos, tanto em termos descritivos quanto explicativos.

2. Espaços mentais

A Teoria dos Espaços Mentais, desenvolvida por Fauconnier (1994, 1997), estabelece que espaços mentais são domínios conceptuais criados pelo falante à medida que o discurso se desenvolve. Assim, a partir do Espaço Base, que coincide com o evento de fala, e contém o próprio falante, ouvinte(s), sua localização e o momento de fala, outros espaços são normalmente criados, conforme o falante discorre sobre o passado, futuro, situações imaginadas ou várias outras possibilidades.

Esses espaços são estruturados por Modelos Cognitivos Idealizados, que representam estruturas através das quais sistematizamos nosso conhecimento de mundo, sendo desenvolvidas e compartilhadas pela sociedade em que o falante está inserido. Assim, compreendemos uma sentença como “Ricardo é solteiro”, acessando as informações associadas ao MCI de “solteiro”, referentes a homem adulto não casado, em um contexto social em que há a expectativa de uma idade “ideal” para o casamento.

Uma importante característica do MCI é a de promover um tipo de efeito gradiente, tecnicamente denominado *efeito prototípico*. Assim, a categoria dos “solteirões” pode incluir exemplares prototípicos, que se encaixem perfeitamente bem no MCI, e exemplares menos prototípicos, que possuam algumas (mas não todas) as características idealizadas.

Na análise dos dêiticos realizada neste trabalho, enfocaremos processo semelhante. A partir da caracterização do MCI da dêixis, será possível descrever as categorias radiais dos dêiticos investigados, evidenciando os dêiticos prototípicos e estabelecendo a posição dos dêiticos não-prototípicos em relação ao MCI.

2.1. *Projeção interdomínios e mesclagem conceptual*

Nos termos de Fauconnier (1997), conectamos elementos pertencentes a diferentes espaços mentais através da *projeção interdomínios* (*mappings*) (Fauconnier, 1997). A noção da projeção interdomínios, inspirada na teoria matemática dos conjuntos, prevê o estabelecimento de correspondências entre elementos de um domínio e elementos de outro domínio, como mostra o diagrama a seguir, retirado de Ferrari (2011: 110):

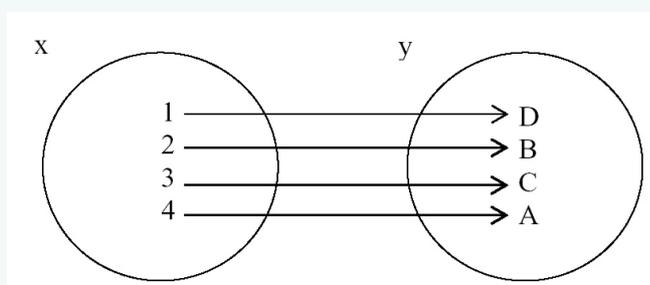


Figura 1 – Correspondência interdomínios.

Em termos cognitivos, as correspondências estabelecidas podem ter por base a identidade entre os elementos, mas também outras relações, tais como analogia, conexão pragmática, representação, papel-valor, entre outros. A relação papel-valor, por exemplo, é ativada por sentenças do tipo “Ele é o síndico”, “Ela é professora”, etc., em que um determinado papel (síndico, professora, etc.) é associado a um valor específico (no caso, as pessoas que desempenham tais papéis).

A projeção interdomínios é também parte fundamental do processo de *blending* (ou, em português, *mesclagem conceptual*) que envolve não apenas dois, mas pelo menos quatro domínios cognitivos (Fauconnier e Turner, 2002). A mesclagem conceptual é uma operação mental que ocorre frequentemente na comunicação, fazendo parte de inúmeros processos ligados à criatividade humana, processos esses altamente diversos, indo, por exemplo, desde soluções matemáticas até o humor presente em grande número de piadas.

Para que a mesclagem ocorra, é necessário que algumas condições sejam satisfeitas, conforme apresentadas nos diagramas a seguir.

a) projeção interdomínios: uma projeção parcial de contrapartes que existem nos espaços de *input* 1 e 2.

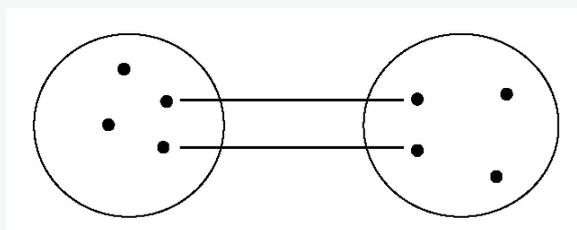


Figura 2 – Projeção interdomínios.

b) espaço genérico: espaço que licencia a correspondência entre elementos dos *inputs* 1 e 2, refletindo uma estrutura e organização em comum aos dois espaços de *input*, em geral em nível mais abstrato.

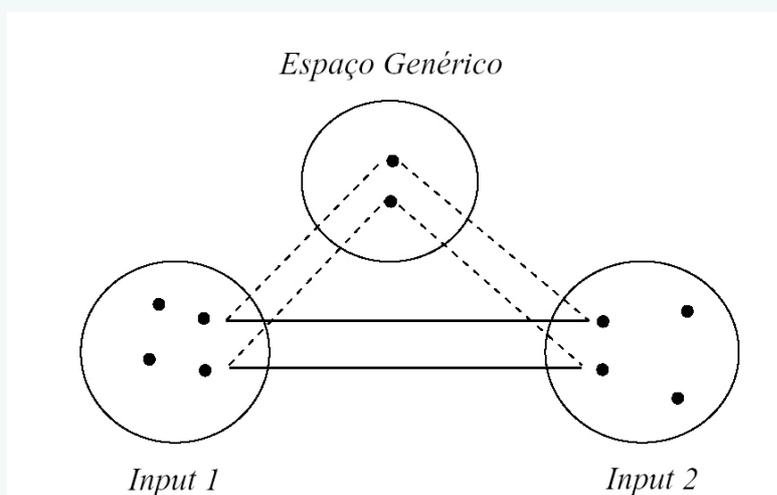


Figura 3 – Espaço genérico.

c) mescla: partes dos *input 1* e *2* são projetados em um quarto espaço, que é a mescla.

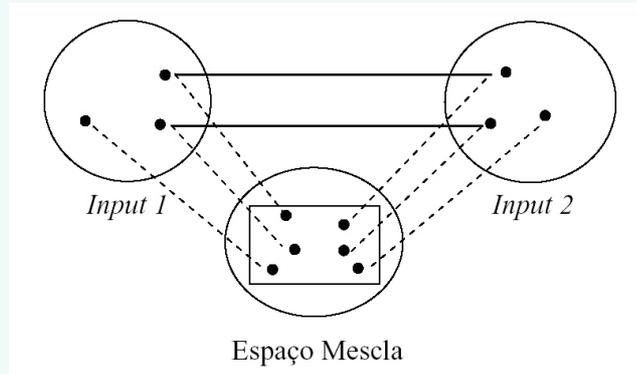


Figura 4 – Mescla.

d) estrutura emergente: a mescla possui uma estrutura emergente, representada na Fig. 4 como o quadrado, que não foi fornecida diretamente pelos *inputs*.

O diagrama completo da mesclagem é representado pela Fig. 5, a seguir:

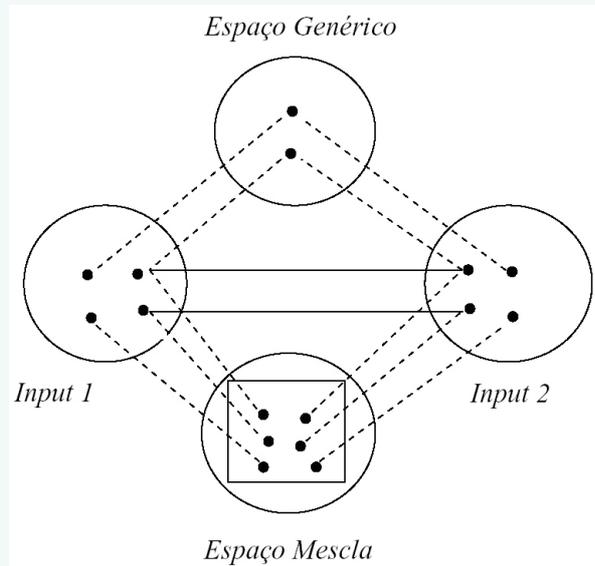


Figura 5 – Mesclagem conceitual.

2.2. A visão cognitivista da dêixis

O termo dêixis, proveniente da palavra grega para “apontar”, “indicar”, refere-se a elementos linguísticos cuja interpretação depende do contexto da fala, incluindo pronomes pessoais e possessivos, advérbios e locuções espaciais e temporais, tais como *eu*, *você*, *aqui*, *hoje*, *na próxima rua*, *no mês que vem*, entre outros (Levinson 1983:54).

Marmaridou (2000:65-116), adotando uma abordagem experiencialista e cognitiva¹, defende a ideia de que a visão tradicional da dêixis busca identificar se um termo está sendo usado de forma dêitica ou não, ignorando os casos ambíguos.

Retomando a proposta de Rubba (1996:231), a autora propõe a existência de um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) da dêixis, que define o seu uso prototípico, conforme ilustra o diagrama a seguir:

F: falante
O: ouvinte
LOC: local do evento de fala
t: tempo
t': momento do evento de fala
x: objeto próximo ao ponto de referência
y: objeto distante do ponto de referência

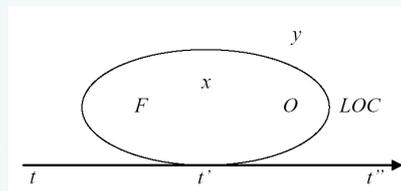


Figura 6 – MCI da dêixis.

Esse modelo explica o uso prototípico de expressões dêiticas, tais como os pronomes pessoais “eu” e “você(s)”, para indicar falante e ouvinte(s), demonstrativos (“este”, “aquele”), para indicar objetos próximos e distantes do falante, e advérbios locativos e temporais (“aqui”, “agora”), para referência ao local e ao momento do evento de fala. Ainda dentro do modelo, os dêiticos sociais, constituem formas

1. O Experiencialismo ou Realismo Experiencialista alinha-se a tradições psicológicas e filosóficas que enfatizam a centralidade do corpo na experiência humana. (Johnson 1987, Lakoff 1987). Para abordagem do tema em português, ver Ferrari (2011).

socialmente marcadas para indicar os participantes do discurso (ex. “você” versus “o senhor”/“a senhora”).

A partir desse MCI, os dêiticos formam categorias gradientes, o que faz com que um termo dêitico possa ser mais prototípico ou menos prototípico. Caso um termo não se encaixe na categoria do MCI da dêixis, então não se trata de um termo dêitico.

Marmaridou (2000) propõe, ainda, uma forma mais concisa de classificar os termos dêiticos. Em vez de dissociar a dêixis social da pessoal, como tradicionalmente se faz, propõe uma junção das duas formas em dêixis sociopessoal, argumentando que, ao situar uma pessoa no discurso, a dêixis também a situa socialmente. Ainda mais, por ser centrada no falante, a dêixis o constroi socioculturalmente. Marmaridou reconhece, ainda, a polissemia da dêixis sociopessoal, assim como a dos outros tipos de dêiticos.

Os trabalhos de Rubba (1996) e Marmaridou (2000) representaram um avanço na forma de abordar a dêixis. As autoras não apenas descreveram e explicaram a construção do significado dos dêiticos prototípicos, como também reconheceram a gradiência do fenômeno e a ocorrência de dêiticos não-prototípicos. No entanto, o processo de construção de significados não-prototípicos a partir do protótipo da dêixis permaneceu sem explicação. Este trabalho articula uma proposta explicativa para esse fenômeno, a partir da noção de mesclagem conceptual, como veremos a seguir.

3. Metodologia

A análise baseia-se no *TIME Magazine Corpus* (DAVIES, 2007), contendo entrevistas, reportagens e editoriais publicados na revista americana *Time*. Para a pesquisa, foram utilizados apenas dados encontrados entre os anos 2000 e 2006.

O objeto de estudo é a polissemia dos dêiticos *we* e *you* em inglês. Utilizamos a noção de polissemia adotada, tradicionalmente, na Linguística Cognitiva (Goldberg 2006), segundo a qual uma construção gramatical (como um morfema, um item lexical, etc.) é polissêmica quando apresenta diferentes sentidos inter-relacionados que se estendem a partir de um sentido prototípico básico.

Dentro dessa perspectiva, foram formuladas as seguintes hipóteses:

- (i) os dêíticos *we* e *you* são polissêmicos, estruturando-se como uma categoria radial.
- (ii) os dêíticos *we* e *you* apresentam diferentes usos não-prototípicos resultantes de projeções distintas realizadas a partir de seus usos prototípicos.
- (iii) os diferentes usos não-prototípicos são derivados de processos de mesclagem conceptual.

A comprovação dessas hipóteses será o foco da seção a seguir, em que se apresenta a análise dos dados.

4. Análise de dados

Nesta seção, procederemos à análise da polissemia dos dêíticos *we* e *you*, descrevendo os processos de mesclagem responsáveis pela criação dos diferentes usos não-prototípicos e as categorias radiais formadas pela polissemia de cada um dos dois dêíticos.

4.1. Análise de *we*

Os dados da pesquisa demonstram a existência de quatro diferentes significados associados ao dêítico *we*, apresentados a seguir.

I. Uso prototípico

O uso prototípico faz referência ao falante e ao(s) ouvinte(s), conforme o exemplo 2 ilustra:

- (1) “Right now, if *we* walked down to the State Department’s new media-monitoring unit, you’d see live what’s happening on Arab TV. We have a young man who’s watching the blogs, the Web chats. So when I walk in, I instantly can know what’s being said.”²

2. Tradução: “Agora mesmo, se *nós* andássemos até a nova unidade de monitoramento de mídia do Departamento de Estado, você veria ao vivo o que está acontecendo na TV árabe. Nós temos um jovem que está vendo os blogs, os chats da internet. Então, quando eu entro lá, posso saber instantaneamente o que está sendo dito.”

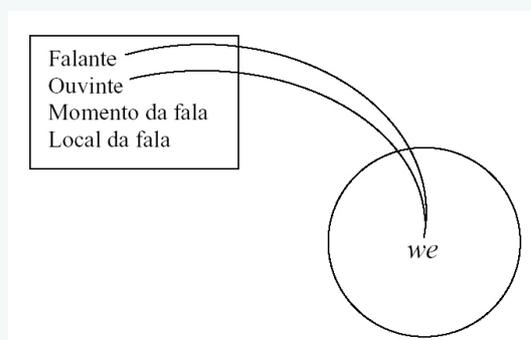


Figura 7 – MCI de *we*.

No exemplo (1), a entrevistada menciona a possibilidade de que ela e a entrevistadora caminhem até certa área do Departamento de Estado, fazendo, assim, clara referência a si mesma e à sua interlocutora.

Os próximos casos analisados fazem parte dos usos não-prototípicos do dêitico *we*.

II. Uso inclusivo

O uso inclusivo promove um afastamento do uso prototípico, pois inclui indivíduos que não participam do evento de fala, como podemos ver através do exemplo a seguir:

(2) “He scored in our hearts and minds, and he scored some of the world’s greatest music. *We* will all miss the gentle genius of this giant.”³

No exemplo (2), a cantora Aretha Franklin faz uma homenagem ao falecido cantor Curtis Mayfield. Conforme o diagrama demonstra, falante e ouvintes, no espaço *input* 1, se correlacionam aos fãs do músico em geral, no espaço *input* 2. Falante, ouvintes e os demais fãs são projetados para dentro do espaço mescla, formando assim um uso do dêitico *we* que inclui falante, ouvintes e todos os demais fãs do músico. Dessa forma, o uso inclusivo do *we* é mais abrangente do que o uso prototípico do dêitico.

3. Tradução: “Ele tocou nossos corações e mentes, e ele tocou algumas das melhores músicas do mundo. Todos *nós* vamos sentir falta do gênio gentil desse gigante.”

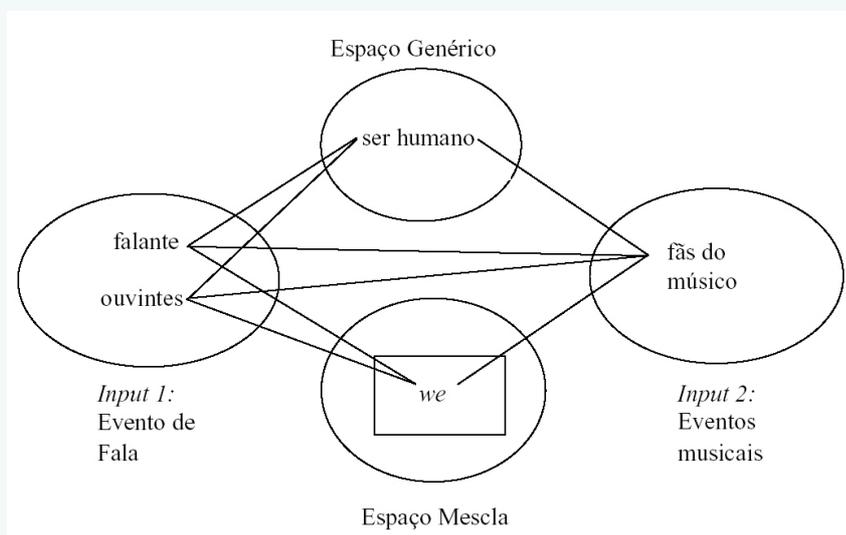


Figura 8 – *we* inclusivo.

III. Uso exclusivo

O uso exclusivo inclui falante e outro(s) indivíduo(s), enquanto exclui o(s) ouvinte(s). Essa é a situação ilustrada pelo exemplo (3):

- (3) “As artists, that’s what *we* do. *We* live to create art.”⁴

No exemplo (3), o falante, no *input 1*, por ser um artista, se correlaciona aos outros artistas do mundo no *input 2*. Isso não ocorre com o repórter, que não é um artista. Tanto falante como os demais artistas são projetados para dentro do espaço mescla, gerando um uso do *we* que exclui o ouvinte.

4. Tradução: “Como artistas, isso é o que *nós* fazemos. *Nós* vivemos para fazer arte.”

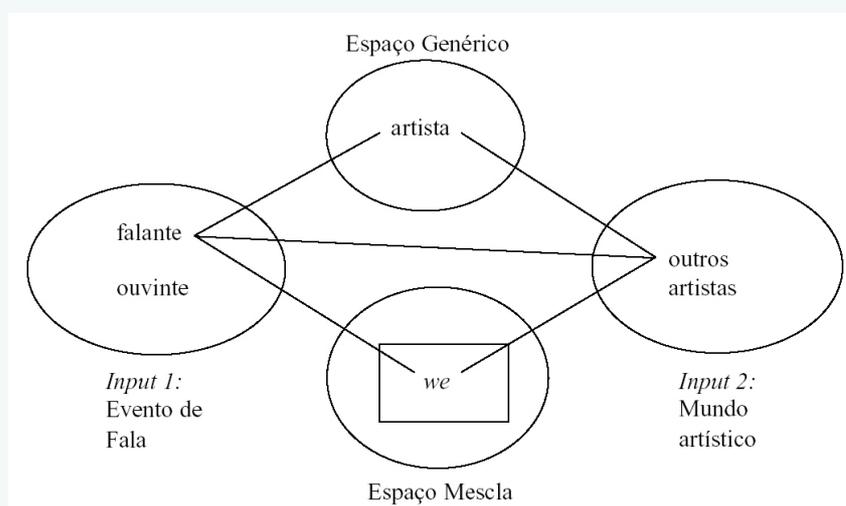


Figura 9 – *we* exclusivo.

IV. Uso virtual

O uso virtual abrange pessoas em geral, podendo, no entanto, excluir falante e ouvinte, como no exemplo (4):

- (4) “I think *we* do that if *we* haven’t accomplished what *we* want or if our dreams have escaped us.”⁵

No exemplo (4), o falante está conversando com seu ouvinte, no caso um repórter, sobre motivos para não se aposentar. O falante utiliza o dêitico *we* em referência a si mesmo e ao ouvinte apenas em seu aspecto de membros da espécie humana, já que nenhum dos dois está fazendo planos para a aposentadoria. Como a Fig. 10 demonstra, falante e ouvinte, no *input 1*, se correlacionam às pessoas em geral, no *input 2*. Falante e ouvinte são projetados para o espaço mescla apenas virtualmente, resultando em um uso virtual do dêitico *we* que faz referência aos seres humanos em geral.

5. Tradução: “Eu acho que *nós* fazemos isso se *nós* não tivermos alcançado o que *nós* desejamos, ou se nossos sonhos não tiverem se concretizado.”

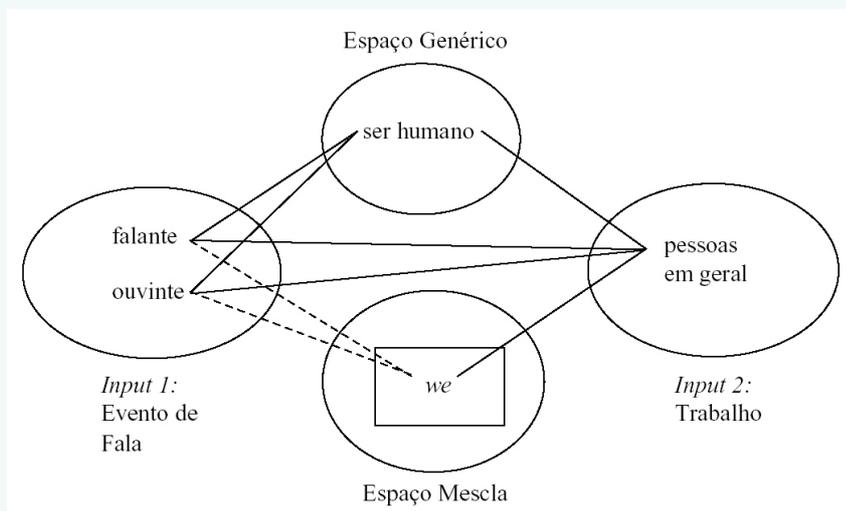


Figura 10 – *we* virtual.

Os quatro sentidos discutidos nesta seção indicam que o dêitico *we* se organiza em uma categoria radial, cujo núcleo é formado pelo sentido prototípico do dêitico. Os demais sentidos, formados por processos de mesclagem, afastam-se progressivamente desse núcleo, conforme a Fig. 11 demonstra:

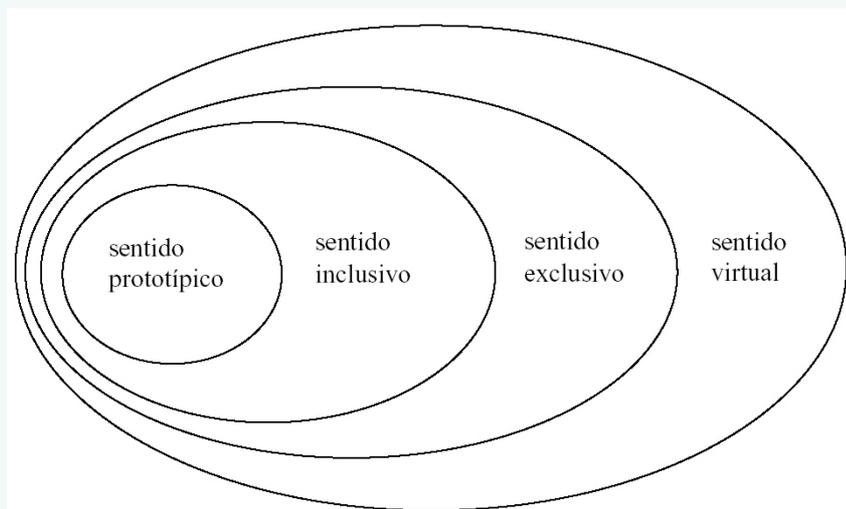


Figura 11 – Categoria radial do dêitico *we*.

4.2. Análise de *you*

Os dados da pesquisa demonstram existir quatro diferentes usos do dêitico *you*, conforme apresentados a seguir.

I. Uso prototípico

O uso prototípico do dêitico *you* faz referência ao(s) ouvinte(s), conforme os exemplos a seguir demonstram:

(5) “As this movie’s writer and co-star and a first-time director, how nervous were *you* that *you* would crash and burn?”⁶

(6) “*You* wrote *White Chicks* together. Aren’t *you* tired of one another by now?”⁷

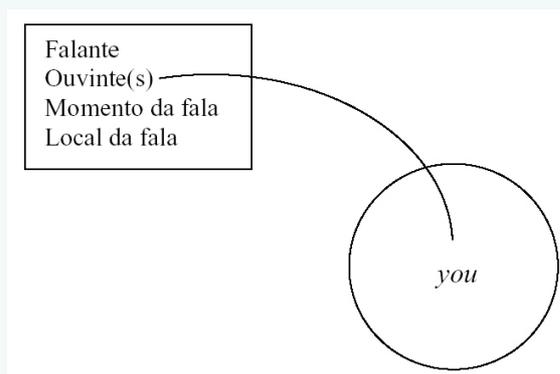


Figura 12 – MCI de *you*.

Ambos os exemplos foram retirados de entrevistas. O exemplo (5) demonstra o uso do *you* singular prototípico, fazendo referência a apenas um interlocutor, enquanto o exemplo (6) demonstra o uso do *you* plural prototípico, fazendo referência a mais de um interlocutor. As duas situações podem ser demonstradas pela Fig. 12, uma vez que

6. Tradução: “Como diretor e co-estrela desse filme e diretor de primeira viagem, o quanto *você* estava nervoso de que poderia se dar mal?”

7. Tradução: “*Vocês* escreveram *As Branquelas* juntos. *Vocês* não estão cansados um do outro agora?”

o dêitico *you* pode ser usado para fazer referência tanto a um único ouvinte quanto a mais de um.

Os próximos casos analisados fazem referência ao uso não-prototípico do dêitico *you*.

II. Uso inclusivo

O uso inclusivo do dêitico *you* abrange, além do ouvinte, outra(s) pessoa(s) não presentes à situação de fala, criando, assim, um afastamento em relação ao uso prototípico, como o exemplo a seguir demonstra.

(7) “Listen, I have this idea. What if I gave *you* guys a chunk of money and we took a bunch of underprivileged kids who have never seen a Broadway musical before to come see the show?”⁸

O exemplo (7) foi retirado de uma conversa ao telefone, entre a cantora e atriz americana Alanis Morissette e um de seus amigos, produtor do musical da Broadway *Jane Eyre*. O dêitico *you* é usado para fazer referência ao ouvinte e aos demais produtores do musical, não presentes na situação de fala, o que fica claro pela adição da palavra *guys* (que pode ser traduzida pela gíria “caras”) após o pronome. Conforme a Fig. 13 demonstra, o ouvinte do *input* 1 se correlaciona com os produtores do musical no *input* 2. Ouvinte e produtores são projetados para o espaço mescla, criando assim o sentido inclusivo do dêitico *you*.

8. Tradução: “Ouça, eu tenho uma ideia. E se eu desse a *vocês* caras uma bolada de dinheiro e nós levássemos um monte de crianças de baixa renda que nunca viram um musical da Broadway antes para vir e ver o show?”

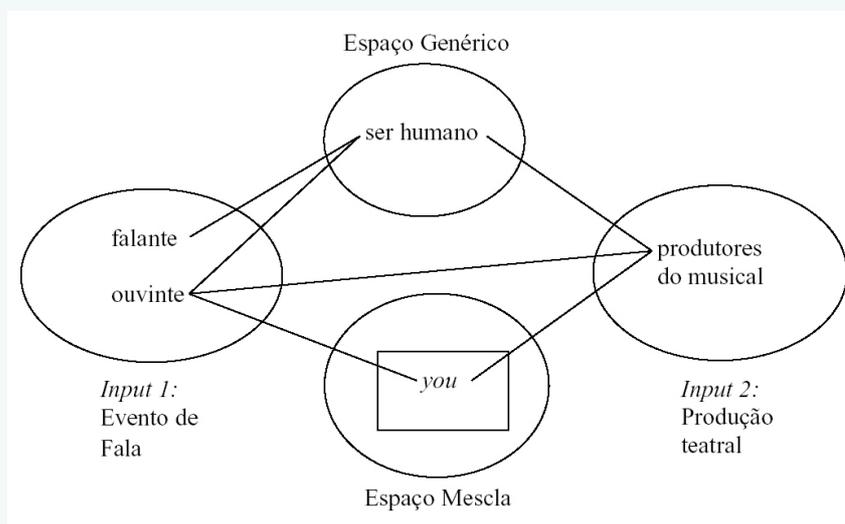


Figura 13 – *you* inclusivo.

III. Uso exclusivo

O uso exclusivo do dêitico *you* faz referência a outras pessoas, enquanto exclui interlocutores, como podemos ver através do exemplo (8):

(8) “The answer is that *you* will take security wherever *you* can get it. *You* need to find some group that will be capable of keeping *you* safe, and that group had better be one that can count on your loyalty just as *you* can count on its protection.”⁹

No exemplo acima, o falante é um professor de direito da Universidade de Nova York, escrevendo para a revista *Time*. Seu público alvo são os leitores da revista que, a princípio, não vivem em regiões de guerra às quais ele se refere. Conforme a Fig. 14 demonstra, os ouvintes / leitores no *input 1* são correlacionados às pessoas em ambiente violento no *input 2*. A codificação com *you* sugere implicitamente que, caso vivessem em ambiente violento, os ouvintes se alinhariam ao

9. Tradução: “A resposta é que *você* vai buscar segurança onde quer que *você* possa consegui-la. *Você* precisa encontrar algum grupo que seja capaz de manter *você* a salvo, e é melhor que esse grupo seja um que possa contar com a sua lealdade assim como *você* pode contar com a sua proteção.”

ponto de vista das pessoas que vivem esse tipo de situação. Como *you* sempre codifica pelo menos algum aspecto do ouvinte, os ouvintes no *input 1* são projetados para o espaço mescla; no entanto, isso ocorre apenas virtualmente, indicando uma possibilidade, e não os ouvintes em seu aspecto real. As pessoas em ambiente violento no *input 2*, por sua vez, são integralmente projetadas para o espaço mescla, fazendo surgir, assim, o uso exclusivo do dêitico *you*.

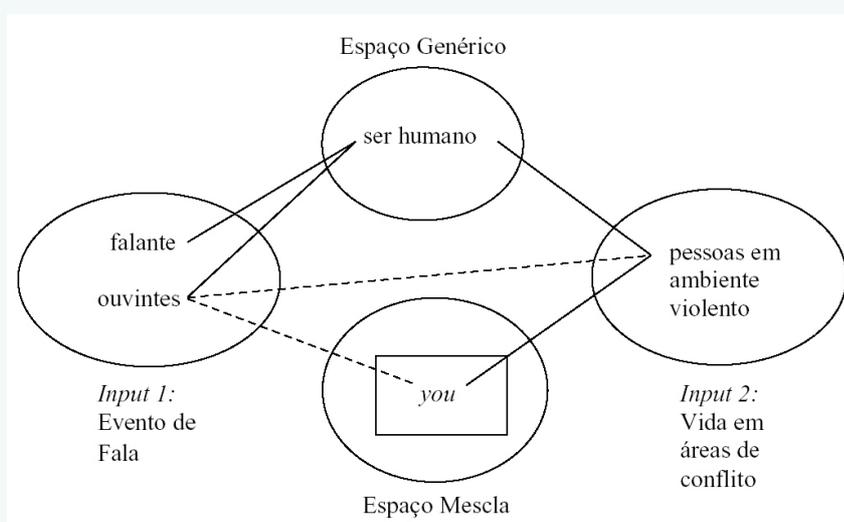


Figura 14 – *you* exclusivo.

IV. Uso virtual

O uso virtual, conforme demonstra o exemplo (9), faz referência ao próprio falante:

- (9) “‘When *you* are little, *you* don’t want people to know *you* are in the system, that *you* got taken away from your mother,’ says Homer. ‘When *you* get your apartment, then *you*’re set.’”¹⁰

10. Tradução: “‘Quando *você* é pequeno, *você* não quer que as pessoas saibam que *você* está no sistema, que *você* foi tirado da sua mãe,’ diz Homer. ‘Quando *você* consegue seu apartamento, então *você* está estabelecido.’”

No exemplo acima, Homer é um jovem recentemente saído do sistema de adoção americano. A Fig. 15 mostra que apenas o falante estabelece correspondência com o grupo de crianças adotadas. Falante e demais crianças adotadas, assim como o ouvinte, são integrados, na mescla, pelo uso do pronome *you*. Entretanto, embora o elemento “crianças adotadas” seja projetado integralmente na mescla, falante e ouvinte são projetados apenas virtualmente. O falante fez parte do grupo de crianças adotadas no passado (“quando era pequeno”), mas não se inclui mais nessa categoria; o ouvinte, em seu papel de receptor da mensagem, não passou por uma situação de adoção, mas por compartilhar a propriedade “ser humano” no espaço genérico, pode ser virtualmente aproximado do falante e de outras pessoas adotadas.

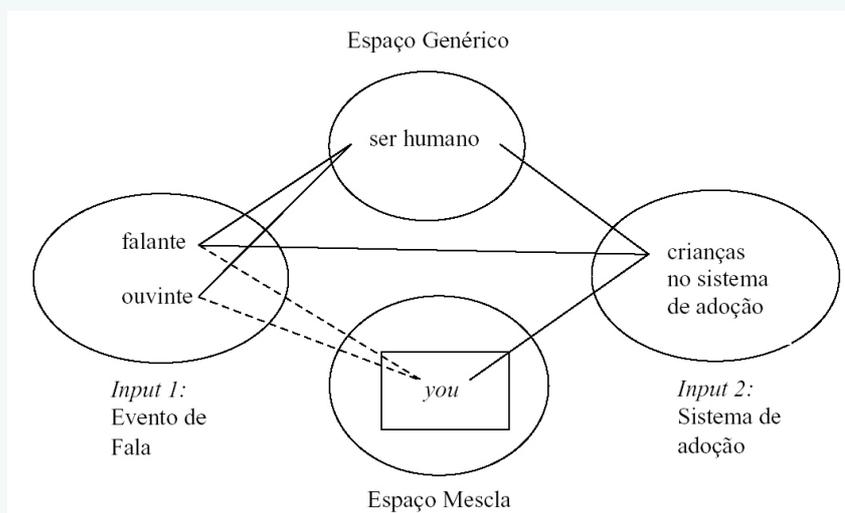


Figura 15 – *you* virtual de auto referência.

Os quatro sentidos apresentados nesta seção demonstram que o dêitico *you* se organiza em uma categoria radial, cujo núcleo é formado pelo sentido prototípico do dêitico. Conforme a Fig. 16 demonstra, os sentidos não-prototípicos, formados por processos de mesclagem, afastam-se progressivamente desse núcleo.

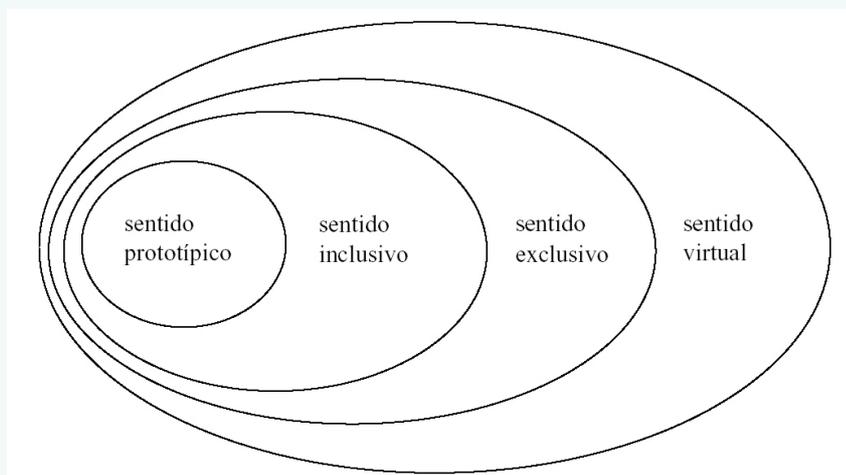


Figura 16 – Categoria radial do dêitico *you*.

4.3. Análise comparativa dos dêiticos *we* e *you*

Através da análise dos dados apresentada nas seções 4.1 e 4.2, podemos fazer uma comparação entre os quatro tipos de *we* e os quatro tipos de *you* encontrados na pesquisa, conforme podemos ver na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – *we* e *you* em comparação

	<i>WE</i>	<i>YOU</i>
PROTOTÍPICO	+FALANTE + OUVINTE(S)	- FALANTE + OUVINTE(S)
INCLUSIVO	+FALANTE + OUVINTE(S) + OUTRO(S)	- FALANTE + OUVINTE(S) + OUTRO(S)
EXCLUSIVO	+FALANTE - OUVINTE(S) +OUTRO(S)	- FALANTE - OUVINTE(S) + OUTRO(S)
VIRTUAL	+FALANTE (virtual) +OUVINTE(S) (virtual) + OUTRO(S)	+FALANTE (virtual) +OUVINTE(S) (virtual) + OUTRO(S)

A Tabela 1 demonstra claramente que o uso virtual é o único uso em que as referências tanto do dêitico *we* quanto do dêitico *you* são

iguais, englobando falante (virtualmente), ouvinte(s) (virtualmente) e outra(s) pessoa(s). Por esse motivo, com relação a esse tipo de uso, os dêiticos *we* e *you* são, a princípio, intercambiáveis. No entanto, é possível sugerir que a escolha entre *we* ou *you* está ligada a estratégias retóricas por parte do falante.

O *we* virtual codifica linguisticamente falante + ouvinte(s) (ainda que a referência seja apenas virtual), e dessa forma simula uma aproximação de falante e ouvinte(s) ao evento descrito, como no exemplo (4), repetido a seguir:

- (4) “I think *we* do that if *we* haven’t accomplished what *we* want or if our dreams have escaped us.”¹¹

O uso do *you* virtual também seria possível, como demonstra a adaptação a seguir:

- (4a) “I think *you* do that if *you* haven’t accomplished what *you* want or if your dreams have escaped *you*.”¹²

Nesse caso, *you* também não se referiria ao ouvinte diretamente, mas apenas virtualmente. O uso do *you* virtual faria sentido; porém, seus efeitos retóricos seriam diferentes. A inferência seria a de que o falante busca a solidariedade do(s) ouvinte(s), trazendo o(s) mesmo(s) para o ponto de vista apresentado, nesse caso, o de uma pessoa que não conseguiu realizar seus sonhos. Gostaríamos de sugerir que o uso do *you* virtual é compatível com situações em que o falante não apenas manifesta seu apoio, mas também sinta a necessidade de reivindicar o apoio do(s) ouvinte(s). Isso ocorre porque, como já vimos, o *you* virtual (auto-referência) codifica o(s) ouvinte(s), mas se refere, igualmente, ao falante, ainda que virtualmente. Dessa forma, a codificação subfocaliza o falante e destaca o(s) ouvinte(s), em uma estratégia adequada para enquadrar situações vividas pelo falante, e avaliadas como desagradáveis ou injustas. Assim sendo, o falante procura a empatia do(s) ouvinte(s), como no caso do exemplo (9), repetido a seguir:

11. Tradução: “Eu acho que *nós* fazemos isso se *nós* não tivermos alcançado o que *nós* desejamos, ou se nossos sonhos não tiverem se concretizado.”

12. Tradução: “Eu acho que *você* faz isso se *você* não tiver alcançado o que *você* deseja, ou se seus sonhos não tiverem se concretizado.”

- (9) “‘When *you* are little, *you* don’t want people to know *you* are in the system, that *you* got taken away from your mother,’ says Homer. ‘When *you* get your apartment, then *you*’re set.’”¹³

Como podemos observar, essa é uma situação em que o falante, convidando o ouvinte a se colocar em seu ponto de vista, busca solidariedade para uma situação que se aplica ao próprio falante.

Da mesma forma que no exemplo (4), aqui também podemos fazer um intercâmbio entre *we* e *you* virtuais, servindo a diferentes estratégias retóricas, conforme podemos atestar através da adaptação a seguir:

- (9a) “‘When *we* are little, *we* don’t want people to know *we* are in the system, that *we* got taken away from our mother,’ says Homer. ‘When *we* get our apartment, then *we*’re set.’”¹⁴

Ao utilizar o dêitico *we*, conforme mencionado anteriormente, falante e ouvinte são codificados, ainda que apenas virtualmente, aproximando ambos do evento descrito. Dessa forma, o ouvinte deixa de ser especialmente convidado a se colocar no ponto de vista do falante. Outra possibilidade que surge é que a interpretação por parte do ouvinte seja a de que o falante está utilizando o *we* exclusivo, referindo-se a si mesmo e a outras pessoas, excluindo o ouvinte. Como na situação do exemplo (9) o falante, mas não o ouvinte, vivenciou a situação descrita, essa seria provavelmente a interpretação por parte do ouvinte, que se manteria em um ponto de vista de fora da situação. Em contraste, a escolha do dêitico *you* virtual serve melhor à estratégia de busca de solidariedade.

13. Tradução: “‘Quando *você* é pequeno, *você* não quer que as pessoas saibam que *você* está no sistema, que *você* foi tirado da sua mãe,’ diz Homer. ‘Quando *você* consegue seu apartamento, então *você* está estabelecido.’”

14. Tradução: “‘Quando *nós* somos pequenos, *nós* não queremos que as pessoas saibam que *nós* estamos no sistema, que *nós* fomos tirados da nossa mãe,’ diz Homer. ‘Quando *nós* conseguimos nosso apartamento, então *nós* estamos estabelecidos.’”

5. Considerações finais

De acordo com os dados analisados em nossa pesquisa, chegamos à conclusão de que a polissemia dos dêiticos de pessoa *we* e *you* do inglês se deve a diferentes processos de mesclagem conceptual. Cada um desses processos leva ao surgimento de um significado para os pronomes, chegando a quatro diferentes significados para o pronome *we* e quatro para o pronome *you*: prototípico, inclusivo, exclusivo e virtual.

Cada um desses diferentes significados se estrutura ao redor do MCI da dêixis, segundo o qual falante e ouvinte se encontram em determinado local e momento em que o evento de fala ocorre. É a partir desse MCI que podemos acessar outros significados para os pronomes. Esses significados se afastam progressivamente do MCI da dêixis, criando assim uma categoria radial. Em sua polissemia, *we* e *you* são mais prototípicos ou menos prototípicos, não deixando, no entanto, de se caracterizar como termos dêiticos.

Nossos achados, baseados em corpus real de uso da língua por falantes nativos, confirmam as observações de Marmaridou (2000) de que a visão tradicional não é capaz de abarcar todas as instâncias da dêixis, e de que os termos dêiticos apresentam polissemia e se organizam em uma categoria radial. A pesquisa demonstra, ainda, que o processo de mesclagem é responsável pelo surgimento desses usos não-prototípicos. Sendo assim, os resultados da presente pesquisa podem contribuir para uma maior compreensão de como o processo de mesclagem pode ser responsável pelo surgimento de polissemia para termos já existentes.

Quanto à nomenclatura utilizada para definir os quatro diferentes usos de *we* e *you*, embora os termos sejam correspondentes (prototípico, inclusivo, exclusivo e virtual), as referências tendem a ser distintas, com uma aparente exceção: em seu uso virtual, os dois dêiticos apresentam referências bem próximas, podendo ser considerados, a princípio, intercambiáveis. No entanto, os dêiticos *we* e *you* virtuais parecem estar a serviço de estratégias retóricas distintas, fato que lança novos questionamentos sobre o caráter intercambiável dos dêiticos, a serem aprofundados em pesquisas futuras.

Em termos teóricos, as generalizações estabelecidas pela análise aqui proposta abrem novas perspectivas de investigação da polissemia de outros termos dêiticos em inglês, bem como promovem novas possibilidades descritivas e explicativas para o estudo da dêixis em outras línguas.

Recebido em setembro de 2014

Aprovado em outubro de 2015

E-mails: helendeandrade@gmail.com

lilianferrari@uol.com.br

Referências bibliográficas

- DAVIES, Mark. 2007. *TIME Magazine Corpus: 100 million words, 1920s-2000s*. Available online at <http://corpus.byu.edu/time/>.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- _____. 1997. *Mappings in Thoughts and Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. 2002. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books.
- FERRARI, Lilian. 2011. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto.
- GOLDBERG, Adele. 2006. *Constructions at work; the nature of categorization in language*. Oxford: Oxford University Press.
- LAKOFF, George. 1987. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press.
- LEVINSON, Stephen C. 1983. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MARMARIDOU, Sophia. 2000. *Pragmatic Meaning and Cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- ROSCH, Eleanor. 1973. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In T.E Moore (ed.). *Cognitive development and the acquisition of language*. NY: Academic Press.
- _____. 1978. Principles of categorization. In: ROSCH, Eleanor & LLOYD, Barbara B. (eds.). *Cognition and categorization*. Hillsdale, NJ: Lawrence. p. 27-48.
- RUBBA, J. 1996. Alternate grounds in the interpretation of deitic expressions. In: *Spaces, worlds & grammar*. Chicago: University of Chicago Press. p. 227-261.